

1

Introdução

O que é o jornalismo, hoje? O que é permanência e o que é transformação nessa prática que floresce com a modernidade e incorpora tão bem os seus valores? Estariam os paradigmas jornalísticos se modificando, em paralelo ao surgimento de novas formas de mediação tecnológica, na Internet? O que nos indicam a esse respeito as narrativas jornalísticas produzidas nesse novo lugar? São perguntas que acompanham todo o percurso deste trabalho, que tem como principal objetivo investigar as transformações do jornalismo contemporâneo a partir de narrativas de três blogs jornalísticos.

Por que blogs? Esses são espaços que nos parecem férteis em elementos de mudança no jornalismo de hoje. Desde as primeiras visitas a blogs como o de Ricardo Noblat – o primeiro a ser escolhido para fazer parte do *corpus* desta dissertação – percebemos que ali havia um jornalismo bastante distinto do hegemônico. No Blog do Noblat, conciliar informação jornalística com visão pessoal, pensamento crítico e certo grau de independência não só era possível, mas também desejável.

A mudança do Blog do Noblat do iG, onde estava hospedado como veículo independente, para o portal do *Estado de S. Paulo*, no fim de 2005, indicou que tudo isso era factível no seio de um veículo da mídia tradicional. A leitura dos blogs de Jorge Bastos Moreno e de Josias de Souza, escolhidos como objetos de análise poucos meses mais tarde, confirmaram essa impressão inicial. O primeiro estava, como está até hoje, hospedado no *Globo Online*, portal de Internet do jornal *O Globo*, e o outro no portal da *Folha Online*, ligado à *Folha de S. Paulo*.

A escolha do blog de Moreno foi, dos três, a mais difícil. Pelos critérios de seleção traçados no início desta pesquisa, o dele ficaria de fora. Falta de constância na periodicidade era seu principal ponto fraco. Alguns dias o jornalista abastecia o blog com vários textos, outros ficava sem escrever. Depois se explicava com os leitores, pedia desculpas e seguia normalmente seu trabalho. Outro problema estava no fato de

o jornalista narrar experiências pessoais e profissionais com certa frequência – afinal, nossa pesquisa sempre pretendeu deter-se no campo do jornalismo.

Desistimos do Blog do Moreno por uns tempos, mas aos poucos percebemos que era preferível rever alguns critérios a perder o objeto. Os textos do jornalista eram ricos em exemplos do que gostaríamos de mostrar. Moreno compunha narrativas atualíssimas a partir de músicas antigas, poemas, reminiscências. Enfim, relativizava alguns conceitos paradigmáticos do jornalismo, como o de atualidade, problematizando o modo de narrar os fatos jornalísticos. E se o critério da periodicidade, até então tido como fundamental, também precisasse ser relativizado, nos blogs? Esta nos pareceu uma boa aposta. Ao mesmo tempo, avaliando o blog com mais cuidado percebemos que, na maioria das vezes, as falas mais pessoais de Moreno eram antes de mais nada um molho para narrativas de acontecimentos de cunho jornalístico ou que debatiam a própria atividade jornalística.

Ficava claro, assim, que as receitas tradicionais do jornalismo ganhavam ingredientes novos na virada do milênio, com a Internet. A tecnologia da comunicação em rede, muitas vezes apontada como responsável por aprofundar a atual crise da mídia impressa, possibilitava o surgimento de um modo diferente de se fazer jornalismo e de se contar histórias no jornalismo. Logo, era preciso olhar o material produzido ali com outros olhos.

Para completar, esse modo distinto de jornalismo incluía o leitor como alguém entusiasticamente convidado a participar. A partir dos comentários deixados nos blogs nos parecia possível pensar a notícia como algo em permanente (re)construção não só por jornalistas, mas também por seus leitores, a partir da interpenetração de seus papéis. Nesse sentido, a escolha de blogs veiculados por grandes grupos midiáticos foi proposital. Os blogs de Noblat, Moreno e Souza explicitam que o jornalismo é capaz de se reinventar criativamente no seio dos mesmos veículos que estabeleceram suas práticas hegemônicas. Os três são *blogs* feitos por jornalistas profissionais de carreira sólida na grande imprensa e veiculados por grandes empresas de comunicação – todas detentoras de grandes jornais impressos. Outro critério de seleção que prevaleceu foi o alto nível de audiência e o alto grau de participação de leitores. O tema dos blogs, a política, estimula ainda mais essa participação.

Do ponto de vista metodológico, optamos por todo o tempo pensar a teoria a partir da prática jornalística. Temas discutidos ao longo do curso de mestrado são postos em diálogo não apenas com textos veiculados, nos blogs, por Noblat, Moreno, Souza e seus leitores, mas também com opiniões pessoais dos três jornalistas-blogueiros. Isso foi possível graças à realização de entrevistas, nos dias 6 e 7 de setembro de 2006, em Brasília, cidade onde eles atuam. Publicadas nos meses de outubro e novembro do mesmo ano por três diferentes veículos que se caracterizam por refletir criticamente sobre a atividade jornalística¹, essas entrevistas foram importante fio condutor dos quatro capítulos que se seguem.

Outros fios essenciais são alguns dos conceitos do jornalismo – investigamos como eles são postos em xeque e se reconstruem com o surgimento de novas formas de mediação tecnológica. O material analisado nos quatro capítulos foi selecionado no período entre novembro de 2005 e novembro de 2006. O recorte da pesquisa não é temático. Foram escolhidos os textos que pareceram mais interessantes e/ou inovadores do ponto de vista narrativo ou que suscitaram discussões ricas entre os leitores. Dessa seleção constam textos relacionados aos principais acontecimentos políticos do país no período, como a cassação do deputado José Dirceu, o referendo sobre a venda de armas e a reeleição do presidente Lula, mas também fatos sem maiores repercussões.

No esforço por tratar de um meio em transformação permanente, aceitamos o risco de avaliar *blogs* que, em alguns meses, podem até mesmo deixar de existir. Essa possível obsolescência, a nosso ver, não desmerece o objeto, uma vez que o que nele buscamos são elementos de renovação das práticas jornalísticas. Ainda que não tenham vida longa, *blogs* como o de Noblat, o de Moreno e o de Souza já terão deixado lições importantes.

Assim sendo, o capítulo 2 relata como surgiram os blogs jornalísticos e discute o significado de alguns termos que serão utilizados ao longo do restante do trabalho. A conceituação dos tipos de blog e a descrição de suas características são

¹A entrevista de Ricardo Noblat foi publicada pelo *Observatório da Imprensa*, a de Josias de Souza, no *Portal Imprensa*, e a de Jorge Bastos Moreno na revista *Lide*, do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro.

também parte do esforço por estabelecer as bases para as partes seguintes. No mesmo capítulo, é iniciada a discussão sobre a relação estabelecida, nos blogs, entre jornalistas e leitores, e o modo como ela explicita nossa compreensão do jornalismo enquanto processo.

O terceiro capítulo inicia uma discussão-chave do trabalho ao apontar, a partir de textos dos blogs, a necessidade de uma nova forma de compreensão do jornalismo contemporâneo. O que se procura mostrar é que, ao relativizar alguns dos conceitos paradigmáticos da atividade, como a objetividade, a neutralidade e a atualidade, os blogs alteram o próprio conceito de notícia. Mas antes de aprofundar essa discussão, se faz necessário mostrar que, ao longo da história do jornalismo, a compreensão do que seja notícia já foi muito diferente. Notícia é uma noção em constante reconstrução.

O capítulo seguinte aprofunda a discussão sobre a revisão do conceito de notícia ao discutir os critérios de noticiabilidade, nos blogs, novamente a partir de alguns exemplos concretos. Vemos que o que é notícia nos jornais costuma ser notícia também nos blogs, com algumas adaptações, mas nem sempre o oposto é verdadeiro. O modo de construção da notícia entre os dois tipos de veículo apresenta diferenças ainda mais significativas. A última parte desse capítulo propõe um deslocamento importante para fundamentar o último bloco de análises – que, além dos textos dos jornalistas, traz narrativas produzidas pelos leitores. Mostramos que a comunicação e o jornalismo se constituíram como campos de reflexão a partir de um processo histórico que privilegiou a perspectiva da produção isoladamente (uma ótica em sintonia com um projeto mais amplo, que é o da modernidade). A proposta é perceber a comunicação como processo que não privilegia o pólo emissor tampouco o receptor, mas a construção de uma perspectiva comum.

No último capítulo a participação dos leitores é a base para se tentar compreender como os blogs jornalísticos estudados ajudam a rever nossa compreensão do que seja o espaço público na contemporaneidade – tempo de vivências fragmentadas, esvaziamento dos espaços urbanos e enfraquecimento institucional. Por fim, é importante frisar que neste trabalho não pretendemos esgotar o tema, que é muito novo e cheio de nuances, tampouco dar a impressão de que os

blogs sejam os únicos espaços onde o jornalismo se renova na atualidade. Em vez disso, o que pretendemos é mostrar como se dá, nos blogs, essa renovação.

A possibilidade de pensar o jornalismo como processo complexo que incorpora o jornalista como alguém dotado de capacidade de reflexão e resistência, e o leitor como personagem ativo, dotado também de postura crítica, fez da elaboração deste trabalho uma tarefa prazerosa. Por meio das análises que preenchem as próximas páginas esperamos contribuir para uma reflexão teórica no campo do jornalismo mais alinhada com a produção prática. Esperamos ainda colaborar para que futuros jornalistas possam acreditar em sua própria capacidade de transformar para melhor a prática jornalística.